

Saíram os ajustes

O anúncio de medidas de ajuste na economia foi o fato mais importante da semana que passou. As medidas já eram aguardadas (Panorama Econômico, 18,20 e 22/4). Mesmo assim, o tabelamento dos "spreads", diferença entre o que os bancos ganham na captação e na aplicação do dinheiro, que ficou em 4% para os grandes bancos e 5% para os pequenos, provocou violenta reação da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), que lamentou a forma como o Governo anunciou os limites para as taxas de juros e classificou como próprias de "um Estado policialesco" as ameaças de punição. O Governo quer que os bancos divulguem as taxas semanalmente. O Banco Central, porém, reconhece as dificuldades nessa fiscalização. Menos de 24 horas após o anúncio das medidas, vários bancos já limitavam seus empréstimos e buscavam formas de escapar do tabelamento (Panorama Econômico, 24/4).

Apoio parcial

O Governo anunciou também a abertura de linha de crédito de Cz\$ 8 bilhões, com juros subsidiados, para pequenas empresas e agricultores, o reescalonamento de dívidas de pequenas e médias empresas, que faturaram até Cz\$ 36 milhões em 1986, assim como liberou recursos, a título de antecipação de receita, para Estados e Municípios, que se encontram em dificuldades financeiras. O auxílio para as pequenas e médias empresas e aos agricultores recebeu apoio das entidades empresariais, como a Fiesp, embora representantes de pequenos agricultores e empresários tenham considerado os recursos liberados insuficientes. Em geral, o empresariado manifestou-se contra a ajuda a Estados e Municípios, supondo que deve aumentar o déficit público e, com isso, a inflação. Sarney procurou atender aos Governadores, que estão sem recursos para pagar o funcionalismo e em sérias dificuldades financeiras.

Apesar das medidas do governo, as taxas de juros fecharam a semana com ligeira tendência de alta, com os CDBs pós-fixados ficando em torno de 17,5% mais a variação das LBCs. Na sexta-feira, o BC divulgou também novos

tetos para os financiamentos habitacionais, que deverão ser corrigidos conforme a inflação. A medida também faz parte do conjunto de ajustes da economia (Panorama Econômico, 18/4).

Sem recessão

As medidas de ajuste anunciadas não foram suficientes para reverter as pressões de diversos setores, que se sentem ameaçados por uma eventual recessão. É o caso dos revendedores de automóveis novos da Volkswagen, cujas vendas caíram de 30 mil veículos em dezembro para 13 mil veículos em março. Também os empresários de moda estão preocupados com a insolvência no setor. Em contraste, dados divulgados durante a semana reforçaram a noção de que não existe risco iminente de recessão. A Previdência Social anunciou que sua receita em abril será de Cz\$ 31,68 bilhões, 25% a mais que no mês anterior (ver texto e gráfico abaixo). O BNDES informou que a Financiadora de Máquinas e Equipamentos liberou um total de Cz\$ 5,3 bilhões no primeiro trimestre, um crescimento real enorme, de 43,6% em relação ao mesmo período de 1986. E, finalmente, na área do comércio, o empresário Artur Sendas, que assume nesta segunda-feira a Presidência da Associação Brasileira de Supermercados informou que nos primeiros meses deste ano houve um crescimento real de vendas de 5%, em relação ao mesmo período do ano passado.

Com inflação

Se os riscos de recessão aparentemente estão afastados, a inflação persiste. Dois aumentos de preço foram anunciados durante a semana: a energia elétrica subiu 36% para todos os consumidores e as passagens aéreas subiram 20,59%. Os orçamentos de todas as empresas e órgãos ligados ao Governo estão sendo refeitos com base numa previsão de inflação anual de 200%. Pode ser considerada otimista. De qualquer forma, autoridades da área econômica já estudam hipóteses para cortar a inflação dentro de um mês, quando o cenário será muito semelhante ao que resultou na adoção do Plano Cruzado.